

Projeto de vida, neoliberalismo e educação: como ser alegre nessa guerra?

Life project, neoliberalism and education: how to be happy in this war?

Proyecto de vida, neoliberalismo y educación: ¿cómo ser feliz en esta guerra?

Marcos Allan da Silva Linhares¹

Keyme Gomes Lourenço²

Resumo: O neoliberalismo é uma faceta do capitalismo, principalmente no que se refere aos modos de produção diretamente ligados ao Estado. A BNCC e o Novo Ensino Médio são exemplos de como esses modos de produção tem chegado na escola nos últimos anos. Logo é objetivo desse artigo problematizar as condutas e as prescrições neoliberais que aparecem no eixo “projeto de vida” de livros didáticos socializados em escolas públicas brasileiras. Focamos nos discursos presentes nesses livros utilizando as ferramentas analíticas do filósofo Michel Foucault por considerar que os discursos não se constituem somente de palavras ditas sob a forma de textos, mas como uma prática que produz os sujeitos de que fala. A vida como projeto partaria de uma gestão do hoje, das escolhas e dos caminhos trilhados ainda na escola para o futuro.

Palavras-chave: Política neoliberal; educação; homo oeconomicus.

Abstract: Neoliberalism is a facet of capitalism, especially with regard to the modes of production directly linked to the State. BNCC and Novo Ensino Médio are examples of how this has arrived at schools in recent years. Therefore, the objective of this article is to problematize the neoliberal behaviors and prescriptions that appear in the “life project” axis of socialized textbooks in Brazilian public schools. We focused on the speeches present in these books using the analytical tools of the philosopher Michel Foucault, considering that the speeches are not only constituted of words spoken in the form of texts, but as a practice that produces the subjects of which he speaks. Life as a project would start from a management of today, the choices and paths taken in school for the future.

Keywords: Neoliberal politics; education; homo oeconomicus.

Resumen: El neoliberalismo es una faceta del capitalismo, especialmente en lo que se refiere a los modos de producción directamente vinculados al Estado. BNCC y Novo Ensino Médio son ejemplos de cómo esto ha llegado a las escuelas en los últimos años. Por lo tanto, el objetivo de este artículo es problematizar los comportamientos y prescripciones neoliberales que aparecen en el eje “proyecto de vida” de los libros de texto socializados en las escuelas públicas brasileñas. Nos enfocamos en los discursos presentes en estos libros utilizando las herramientas analíticas del filósofo Michel Foucault, considerando que los discursos no sólo están constituidos por palabras pronunciadas en forma de textos, sino como una práctica que produce los sujetos de los que habla. La vida como proyecto partiría de una gestión del hoy, de las opciones y caminos tomados en la escuela para el futuro.

Palabras clave: Política neoliberal; educación; homo oeconomicus.

¹ Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU).

² Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU).

Introdução

Escrevemos esse texto tristes. Infelizmente não conseguimos ser alegres nesse momento. Às vésperas do 2º turno das eleições presidenciais no Brasil o atual presidente da nossa república acaba de cortar cerca de R\$ 2,4 bilhões das instituições federais de ensino³. Como ser alegre num governo chantagista, sujo e que usa da educação como moeda de troca para que sejamos cinzas e apáticos? Como criar máquinas de guerra frente ao ataque neoliberal pelo qual as escolas e a educação vêm passando nos últimos anos? Esse texto surge a partir de inquietações que chegaram até nós proporcionadas por discussões e leituras que emergiram ao longo da disciplina “Seminários de Pesquisa em História e Historiografia I: razão neoliberal e subjetividade em Michel Foucault”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU).

O neoliberalismo é considerado uma faceta do capitalismo, principalmente no que se refere aos modos de produção diretamente ligados ao Estado e a decadência de questões sociais como o acesso à educação, saúde de qualidade, moradia digna aos cidadãos, entre outros. Com relação a sua ligação com a educação essa decadência é derivada, sobretudo, dos baixos financiamentos públicos, o que abre margem para que os setores privados possam ocupar os lugares de investidores desse setor e inserirem suas políticas nesse espaço.

Assim o neoliberalismo continua articulando toda sua hegemonia, principalmente por encontrar no espaço educacional um ponto de articulação de diversas esferas da sociedade para a reprodução do capital humano (SOUZA, 2018) como a cultura, a economia, a política, a saúde, entre outros.

O capital humano foi pensado no nível do próprio homem e investe todo um conjunto de técnicas e métodos, para além dos conhecimentos escolares, para que os sujeitos passem a se tornar máquinas, gerindo a si mesmos, manejando competências para saber lidar com os aspectos culturais, sociais, emocionais que envolvem a convivência em sociedade (FOUCAULT, 2008c), entristecendo a vida, tornando a escola espaço de apagamento de cores e subjetividades.

E como alegrar a educação depois disso? Que tarefa difícil. Nos últimos anos a educação tem sido posta à prova de resistência frente aos ataques de contingência da vida e do

³ Governo corta R\$ 2,4 bi do MEC e federais podem parar por falta de recursos. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/educacao/2022/10/05/internas_educacao,1403585/governo-corta-r-2-4-bi-do-mec-e-federais-podem-parar-por-falta-de-recursos.shtml. Acesso em: 25 out. 2023.

pensamento, principalmente através de práticas neoliberais que emergem com o desejo de limitar a vida, os sonhos e os lugares em que ousamos devanear voos coloridos e felizes. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e consequentemente o Novo Ensino Médio (NEM) são exemplos de como isso tem chegado na escola nos últimos anos.

Produzidos, imersos e mergulhados na onda neoliberal esses dois projetos têm surgido com o plano de implementar competências gerais que devem ser mobilizadas pelos alunos a fim de proporcionar “a convergência de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2018, p. 08), investindo e conduzindo nossos corpos para as maquinarias cinzentas do Estado, do governo da vida, dos modos de existir.

A partir dessas reformas nas estruturas curriculares das escolas, um novo módulo foi inserido na grade horária dos discentes intitulada “projeto de vida” que surge como uma competência geral da educação básica pela BNCC e busca, de acordo com o documento, possibilitar que os alunos entendam as relações próprias do mundo do trabalho, além de aprenderem a tomar decisões ao longo de sua vida, bem como refletir sobre o seu próprio futuro e sua construção (BRASIL, 2018).

O projeto de vida surge então como uma estratégia para fazer com que os discentes passem agora a se preocupar com o futuro e a refletir sobre as suas escolhas, os seus planejamentos (se tiverem) e, de forma especial, ao mundo do trabalho, voltando os olhares para a vida empregatícia, os empregos, salários, estilos de vida “saudáveis” e ditos “bem-sucedidos”, entre outros.

Economia e vida se entrelaçam nos currículos desde há muito tempo. A partir da criação da escola enquanto principal instituição de ensino, os corpos eram (e ainda são!) produzidos para serem dóceis e dirigidos ao mercado de trabalho, principalmente como mão de obra operária, sendo o corpo o principalmente instrumento de inserção dos sujeitos na vida capitalista, econômica e social.

Nesse novo currículo, além de desenvolver jovens para o mercado de trabalho, o projeto educacional passa a desenvolver seus corpos para uma espécie de empreendimento de si, sendo a escola um instrumento desse processo, mas que não se restringe somente a ela, aparecendo também nas universidades, nos cursos técnicos, nas instituições educativas não-formais, entre outros.

Logo deseja-se a construção de corpos dóceis que não sejam desejantes, pulsantes e vibráteis, mas que estejam amordaçados pelo trabalho e pela mão de obra que exercem na

sociedade. Esse é o poder silencioso do Estado que agora não domina mais pelas guerras, mas age através de capturas “mágicas” que agarram e captam impedindo qualquer combate (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

É Foucault (2008c) quem nos mostra que essa intercessão entre economia e alguma outra área da sociedade já não é mais algo novo, ao contrário, tem se falado de economia quando se casa, quando se tem filhos, quando se comete um crime. Dessa forma pensar em uma grade econômica que se aplique a diversos outros espaços em que se vive em comunidade já não é mais uma novidade.

É tricotada uma imensa malha social que envolve diversos dispositivos (jurídicos, midiáticos, pedagógicos) para prender-nos, circundar-nos, conduzir-nos para uma “preparação” para a vida-capital, para a máquina-estado, produzindo o que Foucault (2008c) denomina de *homo oeconomicus*, ou seja, um conjunto econômico que envolve estratégias, meios, escolhas, caminhos e instrumentos que direcionam a questão da conduta econômica à uma conduta racional. É um jogo que aciona a obediência para que os sujeitos passem a convergir seus interesses em torno dos interesses dominantes do mercado, da economia, tornando-se sujeitos governáveis.

O conceito do *homo oeconomicus* então responde por toda arte de governar que envolva e esteja de acordo com o princípio da economia, acionando diversos dispositivos como dito acima para fazer a ação do governo continuar sendo a dominante. Nesse jogo do capital-humano o Estado é efetivamente a própria guerra, máquina-Estado, institui a guerra institucionalizada que agora encontra espaço para existir na escola através de documentos, leis, projetos de ação que aparecem com uma frente, uma retaguarda e toda uma batalha preparada para esmagar a vida que se vive e que existe no ambiente escolar (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Assim a reforma do NEM traz consigo uma série de mudanças como a ampliação do tempo mínimo dos estudantes nas escolas, uma nova organização curricular que seja mais flexível e alinhada com a BNCC e a construção de novas possibilidades de aprendizagem que foquem o ambiente de trabalho, a construção de uma carreira para a sociedade e o capital e, quem sabe, até uma formação técnica e profissional mais específica, além de uma parte chamada “projeto de vida”, que se preocupa com as questões da vida cotidiana, os aspectos emocionais, de convivência, de empatia com os outros, etc.

Logo é objetivo desse artigo problematizar as prescrições neoliberais que aparecem no eixo “projeto de vida” de livros didáticos socializados em escolas públicas brasileiras, além de problematizar condutas sobre como pensar, agir e se preparar para uma vida de um futuro por

vir e discutir como aparecem nessas materialidades formas sutis de governamento da vida e dos modos de existência na escola.

Percursos metodológicos

Diversos estudos têm se debruçado diante dos livros didáticos para a realização de variados tipos de análises metodológicas: análise do conteúdo, revisão bibliográfica, estudo de caso, entre outros. O livro didático, mais do que qualquer outro material, tem se tornado cada vez mais popular, de acordo com Fonseca e Shuvartz (2019), principalmente a partir do surgimento do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) no ano de 1937, sendo um dos programas mais antigos voltado a distribuição de obras didáticas a estudantes de escolas públicas. Assim o acesso gratuito de livros nas escolas públicas tem possibilitado uma maior facilidade em seu acesso, fazendo com que cada vez mais estudantes de todos os níveis de ensino possam ter acesso aos conteúdos e materiais na palma da mão e no conforto de suas casas.

Diante do vasto público que atinge tomamos como materialidade de estudo os livros didáticos que circulam a partir da implementação do NEM, de forma especial aqueles específicos para o eixo “projeto de vida” pois são neles, principalmente, que diversas inscrições neoliberais aparecem do sumário aos textos compartilhados nesses materiais no que se refere ao empreendimento de si, da vida como projeto e dos discursos sobre sucesso, realização pessoal, entre outros.

Focamos nos discursos presentes nesses livros utilizando as ferramentas analíticas do filósofo Michel Foucault por considerar que os discursos não se constituem somente de palavras ditas sob a forma de textos, não são simplesmente um entrecruzamento de coisas e de frases, mas constituem-se como uma prática que produz os sujeitos de que fala (FOUCAULT, 2008a) e como uma prática produtiva, incide sobre nós e nossas vidas determinando o que devemos ou não fazer, quais atitudes tomar, quais caminhos seguir, que ambições procuramos desenvolver, entre outros.

Os sujeitos sociais, nesse caminho, são efeitos do discurso, são produzidos por ele. Pensar o discurso através da perspectiva foucaultiana é entender que essa teoria está intimamente ligada a nossa constituição, bem como também do contexto social o qual somos significados. Assim os sujeitos sociais não são uma causa, nem originados pelo discurso, mas produtos discursivos dessa prática (PINTO, 1989).

Ainda seguindo o pensamento de Foucault (2008a) os discursos constituem-se enquanto prática discursiva pois são formados por um conjunto de regras históricas, sempre determinadas em um período de tempo, em uma época, para determinada área social, produzindo assim específicas posições de sujeito. O mesmo acontece com o discurso neoliberal presente nos livros didáticos em nossa época, não por acaso tais discursos sustentam desejos, escolhas, preferências que nos levam a adoção de um modo de vida considerado “bem-sucedido” e economicamente “favorável” para assumirmos como nossos.

Dessa forma, ao realizar uma análise desses discursos foi possível ver se desfazer as tramas que compõem esses discursos, evidenciando todo esse conjunto que é próprio da prática discursiva e que por vezes circula entre nós de forma sorrateira, despretensiosa, mas que desde há muito tempo faz parte de nossa formação enquanto sujeitos escolares, como docentes, como pesquisadores, entre outros.

Analizar os discursos então seria recusar as fáceis interpretações ou algum sentido último das coisas, colocar em suspenso todas as relações históricas e de poder que constituem esses enunciados, dando conta exatamente das práticas concretas que estão “vivas” nos discursos e que cotidianamente nos produzem também (FISCHER, 2001).

Dessa forma foram analisados três livros didáticos: “Tecer o futuro: você, os outros e o mundo ao redor – projeto de vida” (CAMPOS, 2020), “Vivências: projeto de vida” (ALCHORNE; CARVALHO, 2020) e “Projeto de vida: construindo o futuro” (DANZA; SILVA, 2020) direcionados para turmas que passarão a compor o Novo Ensino Médio (geralmente turmas de 1^a série de Ensino Médio).

Tecer o futuro...

Como tecer algo por vir? Como construir o futuro na escola? De agora em diante problematizaremos em conjunto com os livros didáticos do módulo “projeto de vida”, os discursos neoliberais que investem em caminhos para a construção de um futuro dito “promissor” e de “sucesso” na escola, a partir de produções presentes nos livros didáticos que ensinam aos alunos como se preparar para o futuro no hoje.

Já nos títulos (“Tecer o futuro” e “Construir o futuro”) e sumários de alguns desses livros foi possível perceber a preocupação com o futuro estampado nas capas e nas páginas iniciais dos materiais. A vida como projeto passa a ser derivada de formas de gestão e governo empresarial, devendo a escola assumir a tarefa de ensinar um modo de vida que se preocupe

com um posterior que seja bem-sucedido, apto ao sucesso e adequado a convivência em sociedade (MICHETTI, 2019).

Na coleção “Vivências - projeto de vida” (ALCHORNE; CARVALHO, 2020)⁴, podemos enxergar esse tipo de discurso com mais detalhe: “*Por fim, na terceira parte, você trabalhará suas expectativas para o futuro no mundo do trabalho, bem como seu potencial para colaborar com o bem comum*” (ALCHORNE; CARVALHO, 2020, p. 03, itálicos nossos). De tal trecho foi possível notar o quanto o interesse da pedagogia do *homo oeconomicus* é coletivo, ousando buscar modos de vidas que ainda não aconteceram, que estão por vir, mas que precisam estar na rede econômica do trabalho e do capital.

Figura 1: Sumário dos livros: “Vivências: projeto de vida” e “Tecer o futuro: você, os outros, o mundo ao redor”.

DIMENSÃO 3: O ENCONTRO COM O FUTURO E OS NÓS	143
Unidade 1: Quais são os nossos sonhos?	144
Solte-se!	145
CAPÍTULO 1 Valorizar e construir sonhos	146
CAPÍTULO 2 Transformar os sonhos em realidade	150
CAPÍTULO 3 Desenvolver um sonho em comum	154
Unidade 2: O eu no mundo do trabalho	159
Solte-se!	160
CAPÍTULO 1 Há diferença entre trabalho e emprego?	161
CAPÍTULO 2 Mapeando o mundo do trabalho	165
CAPÍTULO 3 Ética no mundo do trabalho	169
Unidade 3: Trabalho e cidadania	174
Solte-se!	175
CAPÍTULO 1 Intervir é transformar a comunidade	176
CAPÍTULO 2 Elaborando planos de intervenção	180
CAPÍTULO 3 Educação financeira: autonomia cidadã	184
Unidade 4: Como posso atuar na sociedade?	189
Solte-se!	190
CAPÍTULO 1 Saberes e habilidades em favor do meu papel no mundo	191
CAPÍTULO 2 Como continuar a aprender no futuro?	196
CAPÍTULO 3 Meu papel no mundo	200
Um futuro em comum	204
UNIDADE 10: PROJEÇÕES DE FUTURO: UM PLANO AFINAL	
Vamos pensar um pouco	185
Provocações	186
Práxis	187
Falar de si mesmo:	
Projeções passo a passo	192
Para fazer junto	194
#nomundodotrabalho	196

Fonte: Alchorne e Carvalho (2020); Campos (2020).

Percebe-se a partir dos sumários acima que esses elementos neoliberais partem de diversos lugares e juntos, acionam o discurso do *homo oeconomicus* na escola através de um sujeito que tenha produtividade, proatividade, capacidade de gestão de si e dos outros em sociedade como por exemplo a partir da unidade 2 em que os capítulos dedicam-se a abordar o mundo do trabalho, a diferença entre trabalho e emprego, a ética no ambiente de trabalho, entre outros; bem como também no desenvolvimento (unidade 10) de projeções e provocações para se pensar de forma individual e coletiva num plano para o futuro.

⁴ Disponível em: <https://www.edocente.com.br/pnld/2021-objeto-1/obra/vivencias-projeto-de-vida-scipione/>.

É possível ver nos índices como tópicos principais dessa autogestão econômica a capacidade de intervenção na sociedade, a educação financeira como forma de autonomia, como identificarmos nosso papel no mundo para transformá-lo, o encontro com o futuro etc. Colocando a vida à mercê de uma expectativa de algo por vir, algo que pode acontecer, mas que também pode acontecer de outras formas, por outros caminhos que não aparecem nessas prescrições que surgem nos livros didáticos ou que não necessariamente estejam atrelados a esses pontos.

A vida como projeto partaria então de uma gestão do hoje, das escolhas e dos caminhos trilhados ainda na educação básica para se alcançar aquilo que se almeja para o futuro, um futuro que deve se preocupar com o trabalho, com o dinheiro e com a administração de todas as esferas que envolvem a vida social. Esse investimento na vida em todas as suas versões em preparação para o *por vir* funciona como uma forma de governo do Estado que Foucault denominava de governamentalidade.

Para Foucault (2008b), a governamentalidade é uma linha de força, um governo sobre os outros que age com aparelhos específicos e que desenvolve toda uma série de saberes para que os sujeitos entrem na ordem do discurso do Estado. Dessa forma instituições, procedimentos, análises, reflexões, cálculos e diversas táticas exercem essa forma de governar, de diversas maneiras, como na escola, para nos conduzir a uma forma homogênea de pensarmos em nossos modos de vida.

No livro “Vivências: projeto de vida” (ALCHORNE; CARVALHO, 2020) podemos notar o investimento no governo da vida e na transformação dos desejos e *hobbies* em futuras habilidades de trabalho. Na seção “Meus interesses no mundo do trabalho” o exercício é “*fazer uma relação dos hobbies pessoais que podem ser tanto um hobby quanto um trabalho*” (ALCHORNE; CARVALHO, 2020, p. 166, itálicos nossos), associando os desejos pessoais com profissões que utilizem de suas habilidades para a obtenção de dinheiro.

Essa configuração micropoderosa de governo aparece em diversos outros momentos nos livros didáticos analisados, como por exemplo na construção de uma categoria que acompanha as partes finais das unidades temáticas intitulada “#nomundodotrabalho”, no livro “Tecer o futuro: você, os outros e o mundo ao redor – projeto de vida” (CAMPOS, 2020) que tem como objetivo associar o que foi discutido nas unidades à alguma prática relacionada ao mundo do trabalho, onde o aluno é convidado a refletir sobre suas preferências de vida associado ao emprego que mais lhe é semelhante.

Na seção são levantadas questões como as aptidões dos alunos, seus pontos fortes e preferências, as profissões do futuro, o cotidiano dessas profissões, além de proposições sobre como se preparar para uma entrevista, como se portar em um processo seletivo, como preparar um currículo, bem como iniciativas de levantamento das empresas existentes na região em que os alunos residem e possíveis agendamentos de visitas para que possam acompanhar o dia a dia do setor dos seus possíveis futuros empregos.

Nos blocos e capítulos, todos os conteúdos são voltados para o pensamento do futuro, buscando ser trabalhado nas unidades: a “*oportunidade de refletir sobre você mesmo, suas aptidões, a influência dos pais na escolha de uma profissão [...] o que é necessário para se preparar para exames e provas*” (CAMPOS, 2020, p. 183, itálicos nossos) considerando o futuro como um plano que precisa ser muito bem pensado, escrito e construído desde os primeiros passos da entrada na vida adulta até a sua concretização.

Para isso a escola, os pais, os próprios sujeitos escolares (alunos) e toda a sociedade devem preparar esse caminho e reunírem juntos os elementos necessários para que esse futuro não desande e não acabe acontecendo por caminhos desconhecidos ou imprevisíveis. Como me vejo daqui a dez anos? Ou em 5 ou 8 anos? Ainda no livro “Tecer o futuro: você, os outros e o mundo ao redor – projeto de vida” (CAMPOS, 2020, p.178, itálicos nossos) existem atividades voltadas para esses planos e projeções, como: “*Faça uma linha geral projetando o que gostaria que estivesse acontecendo em sua vida no plano profissional, pessoal, afetivo e familiar em dez anos*”.

Figura 2: Sumário do livro “Projeto de vida – Construindo o futuro”.

BLOCO ② CONVIVER:	
O PROFISSIONAL QUE DESEJO SER	147
Para começo de conversa	148
Hard skills x soft skills	150
Imersão em si: Faça seu currículo	151
O que é assédio moral no trabalho?	152
Simulando um processo seletivo	153
Como podemos ser bons profissionais?	154
Excursão no mundo: Fórum das profissões	155
Síntese	156
Autoavaliação	156

Fonte: Danza e Silva (2020).

No livro “Projeto de vida: construindo o futuro” (DANZA; SILVA, 2020) a preocupação continua em tornar os alunos bons profissionais, além do sumário que já indica caminhos para essa projeção (figura 2) ao longo do livro diversas atividades sugerem a análise

das habilidades e competências que esses sujeitos necessitam apresentar para tornarem-se profissionais qualificados e úteis, como “*Que tal identificar e valorizar as habilidades que você e os colegas desenvolveram? [...] crie uma lista com oito hard skills e oito soft skills*”⁵ (DANZA; SILVA, 2020, p. 150, itálicos nossos).

A proposição do “Bingo das Skills” aparece com o desejo de produzir, valorizar e reforçar as habilidades desenvolvidas pelos alunos ao longo dos seus anos de educação básica, aproveitando para discutir quais podem ser “úteis na vida profissional” e quais são aquelas que podem ser excluídas, deixadas de lado ou que não servem como uma característica “válida” para se viver em sociedade.

Cerceiam-se os caminhos para seguir. O futuro, pelos discursos dos livros, é construído pelo trabalho e pela capacidade de conseguir ser aprovado no emprego dos sonhos. Os sonhos são limitados a economia, a aprovação em um bom emprego, em ser um bom profissional. A articulação do mercado com a educação é outro traço que caracteriza a ação neoliberal no ambiente escolar, tornando a prática educacional um fazer individual, solitário e apático (SOUZA, 2018).

Nesse caminho, consideramos interessante pensar que estamos sendo produzidos e conduzidos cada vez mais nos trâmites de uma educação neoliberal, que aos poucos vai se alastrando e ocupando os espaços escolares como “revolução” ou “inovação”. Compramos a ideia de reformulação acreditando que mudaríamos velhos modos, mas continuamos nas mesmas fôrmas de produção do mercado econômico, onde o Estado é mais um instrumento desses modos de condução neoliberais.

Ainda é Foucault (2008b) quem nos fala que nunca se governa um Estado, um território ou uma estrutura política. A governamentalidade é o controle que passamos a exercer sobre nós mesmos e sobre os outros. Sobre nossos sonhos, futuros e ambições. É um comércio, segundo o filósofo, um processo de troca que passa de professores para alunos, de um indivíduo para o outro, sendo sempre coletividades que são governadas.

O que esperar a partir disso? Quais sujeitos estaremos produzindo nos moldes de uma educação para a vida do emprego e do trabalho? Como criar máquinas de guerra frente aos aparatos do Estado que insistentemente nos conduzem aos caminhos comuns e aos modos homogêneos de existência no mundo em que vivemos?

⁵ De acordo com o livro *hard skills* são habilidades técnicas e *soft skills* são habilidades comportamentais. E ambas precisam ser adquiridas pelos alunos ao longo de sua vida acadêmica e profissional, seja em cursos profissionalizantes, estágios, aprimoramentos escolares, entre outros.

Como ser alegre em meio a tudo isso?

Como Corazza (2012) nos encoraja, é possível ser feliz detestando todos esses poderes ligados a tristeza e exercendo, em nossos modos de existência, a verdadeira alegria, vivendo a vida como uma obra de arte, tendo horror a tudo o que entristece a vida, enfraquece as nossas forças vivas, criando rupturas nas formas territoriais e canalizando potências para quebrar o “deck”, fazendo transbordar todas as cores que ocupam a escola.

É criar uma máquina de guerra frente aos tantos aparelhos de Estado que constantemente investem em nossos modos de vida, nossas posições e formas de existir no mundo. Pensando nisso, Deleuze e Guattari (1997) nos mostram que a própria máquina de guerra é exterior ao Estado, em todos os sentidos.

Para os autores a máquina de guerra vem de outra parte, é a multiplicidade pura e sem medida, potência de metamorfose contra a soberania. Enquanto os aparelhos se preocupam com as naturezas específicas, com as posições e os enfrentamentos as máquinas tecem relações com o devir, um meio de exterioridade, unidades cuja função é coletiva e de resistência (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Por isso, pensamos que contamos com centenas de máquinas de guerra diariamente em nossas salas de aula: os alunos e alunas. Esses sujeitos são as máquinas vivas, máquinas de vida que podemos nos apoiar contra todos esses investimentos sombrios que vêm pairando nas escolas nos últimos anos. Contar com a vida na escola é retomar em conjunto com os discentes a força-viva que é motor para a nossa alegria, para nossa prática e para a nossa convivência nesse espaço de comunidade.

Manter viva a alegria é manter viva a subjetividade, a análise crítica, a transformação social, as cores que pupilam aos olhos quando ensinamos e que desde há muito tempo foram características das escolas em que atuamos. Manter viva a esperança, a alegria, é enfrentar a guerra sem uma linha de combate aparente, sem um afrontamento, retaguarda ou armas... mas é pura estratégia: simplesmente viver, deixar a vida acontecer e extravasar os enredamentos aos quais somos submetidos constantemente.

Referências

ALCHORNE, I.; CARVALHO, S. *Vivências*: projeto de vida. São Paulo: Scipione, 2020.#

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

CAMPOS, M. T. A. **Tecer o futuro**: você, os outros, o mundo ao redor – projeto de vida. São Paulo: Saraiva, 2020.

CORAZZA, S. M. Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação. **Revista Digital do LAV**, v. 5, n. 8, p. 125-144, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/5298>. Acesso em: 16 fev. 2023.

DANZA, H. C; SILVA, M. A. M. **Projeto de vida**: construindo o futuro. São Paulo: Ática, 2020.#

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. Trad. P. P. Pelbart e J. Caiafa. São Paulo: Ed. 32, 1997.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Revista Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/SjLt63Wc6DKkZtYvZtzgg9t>. Acesso em: 16 fev. 2023.

FONSECA, D. M; SHUVARTZ, M. A contribuição dos livros didáticos de ciências da educação de jovens e adultos para o ensino da educação ambiental. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 12., 2019. **Anais** [...]. Natal, p. 1-7, 2019.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**: curso dado no College de France (1977 – 1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978 – 1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008c.

MICHETTI, M. A vida como projeto: a pedagogia do *homo economicus* e as iniciativas de fomento ao “espírito do capitalismo” via educação pública. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 55, p. 302-314, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/csu.2019.55.3.01>. Acesso em: 16 fev. 2023.

PINTO, C. R. J. **Com a palavra o senhor Presidente Sarney**: ou como entender os meandros da linguagem do poder. São Paulo: Hucitec, 1989.

SOUZA, A. C. Neoliberalismo, reforma do ensino médio no Brasil e suas implicações sobre a educação geográfica. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 22, p. 1-12, 2018. DOI: 10.5902/2236499429401. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/29401>. Acesso em: 16 mar. 2023.

Sobre o autor e a autora

Marcos Allan da Silva Linhares: Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM/UFPA). Doutorando em Educação (PPGED/UFU). Bolsista CAPES.
E-mail: marcosallan.18@gmail.com

Keyme Gomes Lourenço: Doutorando em Educação (PPGED/UFU). Bolsista CAPES.
E-mail: keymelourenco@gmail.com